

Memórias evocadas: imagens recompondo as aulas isoladas em Novo Hamburgo/RS (1913 a 1952)

José Edimar de Souza¹

Luciane Sgarbi S. Grazziotin²

Resumo:

A investigação desenvolvida objetiva compreender os primórdios da implantação das “Aulas” no espaço rural em Novo Hamburgo/RS, a partir das memórias da professora Maria Gersy Höher Thiesen; principalmente àquelas que remetem à ocupação da antiga Casa Pastoral de Lomba Grande. Nos vilarejos que foram fundados pelos colonos alemães a escola figurava o cenário indispensável ao lado da Igreja e Cemitério, sendo, nestes casos, o professor oriundo da própria comunidade. A pesquisa desenvolvida sob a perspectiva da História Cultural utiliza a metodologia da História Oral, valendo-se de entrevistas semi-estruturadas, tendo as narrativas e imagens como documentos. Analisa memórias de práticas que possibilitaram recompor cenários do contexto do ensino rural que identificam marcas das políticas educacionais de uma época. A leitura e a escrita representou um dos elementos culturais mais importantes neste contexto. O arraigamento à cultura local também representou um conjunto de significados partilhados e construídos para conhecer um pouco sobre a contribuição das Aulas Isoladas que originaram as Escolas Municipais de Ensino Fundamental.

Palavras-Chave: aulas Isoladas, História Oral, memória, escolas comunitárias.

Abstract

It aims at understanding the origins of the implementation of “lessons” in rural Novo Hamburgo / RS, from the memories of Professor Maria Gersy Hoher Thiesen, especially those that refer to the occupation of the former Casa Pastoral Lomba Grande. In the villages that were founded by German settlers school included the indispensable setting next to the Church and Cemetery, and in these cases, the teacher coming from the community itself. The research developed from the perspective of cultural history uses the methodology of oral history, using a semi-structured interviews, and narratives as documents and images. Analyzes memories of practices that enabled scenarios compose the context of rural education marks that identify the educational policies of an era. Reading and writing was one of the most important cultural elements in this context. The rootedness of local culture was also a set of shared meanings and constructed to know a little about the contribution of Classes Isolated who originated the School District elementary schools.

Keywords: Isoled classes, Oral History, memory, community school

Introdução

“[...] somos a continuação de um fio que nasceu há muito tempo atrás, vindo de outros lugares, iniciado por outras pessoas; remendado, costurado e continuado por nós. Somos seres inconclusos e com muito a aprender”. (Nativo de uma tribo indígena gaúcha)

Essa pesquisa é composta por “fios” de memórias que são tecidos no cenário³ rural de Lomba Grande, um bairro do município gaúcho de Novo Hamburgo. Os “fios” representam à singularidade dos sujeitos que constituem este estudo que em trama

tecem as características de uma coletividade. A investigação utiliza-se de memórias evocadas durante entrevista oral com professores de classes multisseriadas⁴. Sendo a “memória social e coletiva” responsável pela reconstrução do espaço e tempo vividos por esses professores, neles recompõem-se fragmentos do ensino rural a partir de evocações singulares (HALBWACHS, 2006).

Para além da formação da memória, Halbwachs aponta que as lembranças podem, a partir da vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas. Podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A lembrança, de acordo com Halbwachs, “é uma imagem engajada em outras imagens” (2006, p. 77).

Considerando a memória como “ato de lembrar e de esquecer”, como teia que trama e engaja narrativas em um percurso estabelecido para se atingir determinado conhecimento daquilo que se propõe a investigar, as memórias da professora Maria Gersy Höher Thiesen⁵ receberam destaque considerando o objetivo desse estudo. Nesse sentido, partindo-se da análise de imagens “guardadas” pela professora Gersy e as memórias por ela evocadas no momento das entrevistas, buscou-se compreender como o ensino público, principalmente através das “Aulas isoladas”, foi constituído em Lomba Grande no início do século XX. Tentou-se compreender a religião como um dos principais elementos culturais relativos às colônias de imigração e a importância que essa desempenhou em Novo Hamburgo sendo essa uma das principais cidades do Vale dos Sinos caracterizado pela influência da colonização alemã.

A análise documental dessa investigação se desenvolve sob a ótica da História Cultural. Dessa forma, a cultura representa um conjunto de significados partilhados e construídos para compreender e conhecer um pouco sobre a contribuição das Aulas domiciliares, escolas isoladas que, em certa medida, foram precursoras dos Grupos Escolares, atuais Escolas Municipais de Ensino Fundamental.

Aulas Públicas em Lomba Grande

Lomba Grande é um bairro rural de Novo Hamburgo⁶, em destaque na figura 1. A história da educação, do ponto de vista da escolarização como se constitui na modernidade, remete a presença de aulas particulares desenvolvidas por preceptores, marcando a presença lusa na região. No século XVIII a região era visitada pelos tropeiros que por ali passavam a caminho de Gravataí e Porto Alegre. Em função do comércio do couro algumas famílias de origem portuguesa se estabelecem na localidade que, até 1940, pertencia a São Leopoldo.

Figura 1 – Mapa de Novo Hamburgo no Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: 280px-RioGrandedoSul_Municip_NovoHamburgo.svg (2011)

Do ponto de vista histórico Lomba Grande pode se configura como um “entre-lugar” considerando que desde o século XIX foi um espaço que acolheu um número significativo de imigrantes alemães caracterizando com “corpus” próprio sem vinculação direta com a Colônia de São Leopoldo, conforme fotografia 1 (BHABHA, 1998). A adversidade do lugar imprimiu a necessidade da constituição de diferentes práticas características da localidade. Entre essas se pode citar a organização de aulas pela comunidade local que - assim como outras regiões isoladas do Rio Grande do Sul - devido a carência de escolas organizava-se de forma a suprir autonomamente sua necessidade de educação.

Fotografia 1- Lomba Grande e região central – Século XIX



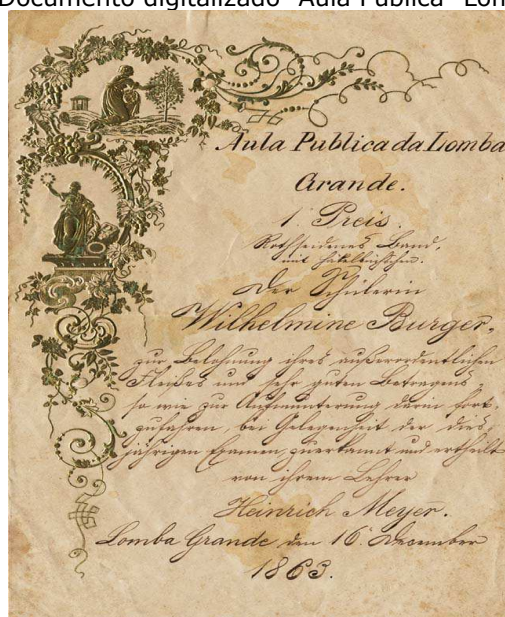
Fonte: Acervo Virtual de Moisés Braun, 2011.

A localidade, no século XIX recebeu os imigrantes alemães que se estabeleceram ao longo da Feitoria Velha, antiga instalação da Real Feitoria do Linho Cânhamo. Kreutz (2009) argumenta que nas primeiras levas de imigrantes havia um grande número de colonos analfabetos e um número significativo de católicos. Em Lomba Grande, a ocupação da localidade pelos imigrantes alemães favoreceu o “espírito da comunitariedade” (DREHER, 2008). A vida em comunidade e a reprodução cultural dos costumes europeus abaixo do Equador se caracterizaram pela experiência da agricultura, dos trabalhos liberais e da escola comunitária.

As escolas comunitárias, também conhecidas como Aulas compunham o cenário das comunidades germânicas ao lado da Igreja e do Cemitério. Arendt (2008) argumenta que elas também ficaram conhecidas como “Kolonieschulen” (Escolas rurais). Conforme Werle (2005) as “Aulas” também ficaram conhecidas por “Avulsas” ou “Isoladas” e foram precursoras das Escolas públicas municipais na localidade.

Investigando sobre a presença das “Aulas” em Lomba Grande localizou-se documentos indicando a presença de Aulas Públicas em 18637, ainda no Segundo Império como se observa na figura 2. Localizou-se também aulas comunitárias, protestante e católica que existiram até o final da década de 1930 quando as Aulas Isoladas foram “reunidas” pelo professor José Afonso Höher8, a figura docente era um elemento representativo dessa Aulas. Dreher (2008) atribuiu a expressão “comunitariedade” para justificar a intensidade e continuidade dessas instituições, por um período significativo nas comunidades, cuja escola foi fundada por imigrantes alemães.

Figura 2 – Documento digitalizado “Aula Pública- Lomba Grande”



Fonte: Acervo Virtual Moisés Braun, 2011.

Escolha teórica e a metodologia investigativa

Nesta pesquisa entende-se como História o campo de produção do conhecimento que se nutre de teorias explicativas e de fontes que corroboram para a compreensão das diferentes ações humanas no tempo e no espaço.

A memória, utilizada como documento, é entendida no sentido que trata Nora, sendo essa uma fonte para a história. Ao diferenciar a memória como história vivida e história como produção intelectual, o mesmo autor afirma que história e memória não são sinônimos, pois "a memória é a vida carregada por um grupo em permanente evolução, aberta à dialética. A história é a reconstrução sempre problemática do passado, demanda análise e discurso crítico" (NORA, 1993, p.9). Compartilha-se, da mesma forma, as idéias de Tedesco (2002) cujas memórias são compreendidas como atos de evocação do passado, atos que se reestruturam em imagens mentais a partir de arquivos, imagens, fotografias, entrevistas, pois o passado, enquanto tal, não volta, mas a história pode ser recomposta a partir desses artefatos culturais. Assim, a memória, não sendo a História, é um dos indícios, documentos de que se serve o historiador para produzir leituras do passado, do vivido pelos indivíduos, daquilo de que se lembram e se esquecem a um só tempo, produzindo no presente determinadas versões do passado.

A memória é também coletiva, isto é, o sujeito tem uma posição individual dos fatos vividos, mas ela se dá pela interação entre os membros da comunidade mais ampla e as experiências vivenciadas entre eles (HALBWACHS, 2006).

A proposta deste estudo é reconstruir fragmentos da história das instituições escolares no espaço rural, principalmente a partir de alguns aspectos da trajetória de uma professora, verificando assim, como as práticas são rerepresentadas pelas narrativas orais que emergiram de sua memória. Neste sentido, optou-se pela entrevista semi-estruturada utilizando-se da metodologia da História Oral. Utilizou-se esta modalidade de entrevista a partir de um roteiro com dez questões com foco orienta-se basicamente em sua trajetória pedagógica (TRIVIÑOS; NETO; GIL, 2004). Inicialmente⁹ questionou-se quanto à sua primeira escolarização, a seguir, quanto a momentos marcantes da ação docente e, posteriormente, como sua prática foi consolidada.

É importante lembrar que práticas são criadoras de "usos ou de representações" que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas (CHARTIER, 2002). Nesse sentido a cultura local revelou uma forma de organização coletiva que "incluiu" o rural como lugar de pertencimento frente às representações postas pelo "mundo social" urbano. Para esses professores pertencer ao campo representou "[...] identidade construída [...] mostrada e reconhecida [...]" pela força da oralidade, dos discursos que se denunciaram à margem e foram submetidos a uma organização baseada na cidade (CHARTIER, 2002, p. 11). A imposição do mundo social urbano contribuiu para fortalecer a

representação construída de que no espaço rural se desenvolveram os “ofícios de valor menor”, ou seja, a agricultura em contraste com o progresso impresso pela modernidade (BURKE, 2005, p. 50).

Cabe esclarecer que a escolha pela metodologia da história oral ajuda a aprofundar a compreensão sobre o contexto em que está inserida a trajetória da professora Greycy. Com Thompson (1992) aprende-se que a abordagem da História, a partir de evidências orais, permite ressaltar elementos que, de outro modo, por outras estratégias investigativas, seriam inacessíveis.

No âmbito das representações e da produção de sentido, as entrevistas são tratadas como encontros sociais, nos quais conhecimentos e significados são ativamente construídos no próprio processo da entrevista; entrevistador e entrevistado são, naquele momento, co-produtores de conhecimento. Participação, neste nível de interação, envolve ambos em um trabalho de produção de sentido, no qual o processo é tão importante para a pesquisa como o é o sentido produzido.

A partir da análise documental buscou-se identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída a partir do entrecruzamento de aspectos que emergiram na construção dos documentos orais e organização das informações de diferentes naturezas como documentos orais, escritos e iconográficos.

Para Bastos, Lemos e Busnello (2007) a análise de imagens, na perspectiva da História Cultural é uma proposta ou protocolo de leitura, sugerindo ao leitor a compreensão do texto e do seu significado. Nesse sentido, as imagens são apresentadas, como memória, no caso da professora Gersy ou no caso da produção de uma história específica com um propósito, uma intenção que necessita ser lida no seu contexto.

A iconografia na história (Burke, 2004; Paiva, 2002; Fabris, 1998), e, especialmente, na História da Educação (Bencostta, 2003; Souza, 2001, Franco e Alves, 2004; Quadros, 2005), tem sido analisada como um registro histórico que merece um tratamento interno e externo pelos pesquisadores. Para Burke (2004:17), a imagem constitui uma forma importante de evidência histórica e nos permite ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida. O pesquisador deve ler a imagem em seus diversos elementos e planos, identificando mensagens e motivações, o que implica uma leitura de temas e significados, que trazem as formas expostas na imagem, e o contexto de produção e recepção (BASTOS, LEMOS, BUSNELLO, 2007, p.42).

Na medida em que os sujeitos recordaram é que suas memórias se teceram produzindo encontros, compartilhando experiências, práticas, esquecimentos e o mais importante às conquistas e aprendizagens. Essas “imagens-memórias” exteriorizadas em narrativas, formaram cenários de marcas de identidades construindo a invencibilidade de uma demarcação necessária da própria prática no contexto que emergiram.

Bastos, Lemos e Busnello (2007) apoiados em Dubois argumentam que não existe um método para analisar imagens. Entendem que as imagens são representações culturais e que possuem uma função simbólica. A imagem é um objeto cultural sobre o qual existe um saber que deve ser apropriado pelo investigador.

Pimentel (2001) argumenta que o documento representa uma interpretação de fatos elaborados por seu autor, e, portanto, não devem ser encarados como uma descrição objetiva e neutra desses fatos. A análise é sempre um processo interpretativo e construído historicamente. Assim, ao evocar memórias é possível perceber, na trama de relações de poder, como os sujeitos se situam ao longo de suas carreiras profissionais, revelando interesses e motivações não absolutamente possíveis de tornarem-se públicos anteriormente.

Casa-escola: primórdios das Escolas Isoladas em Novo Hamburgo

A História da Educação em Novo Hamburgo inicia, nesse artigo, com as escolas Isoladas e com o professor José Afonso Höher e é reconstruída seguindo-se os rastros de uma série de imagens iconográficas, documentos escritos e, fundamentalmente, das memórias da professora Maria Gersy Höher Thiesen. Essa professora, atualmente aposentada, traz em sua narrativa as lembranças da educação em Lomba Grande, iniciando com as memórias de seu tempo de aluna, docência paterna até a sua própria atuação como professora.

Conforme Calazans e Silva (1993), a inserção do ensino (regular, formal e oficial) em áreas rurais no Brasil iniciou no final do Segundo Império a partir das classes de mestre-único e ampliou-se na primeira metade do século XX. O seu desenvolvimento reflete, de certo modo, as necessidades decorrentes da evolução das estruturas socioagrárias do país. É nesse contexto que a escola rural se instaurou tardia e descontinuamente.

As narrativas do lugar indicaram a existência de Aulas particulares que existiram nas mais distintas localidades. Elas aconteciam, na casa dos regentes¹⁰, ou em espaços cedidos, da residência dos sujeitos que, de alguma forma, destacavam-se em Lomba Grande. A fotografia 2 registra uma Aula da comunidade evangélica, na antiga Casa Pastoral¹¹.

Fotografia 2 - Aula da Comunidade Evangélica de Lomba Grande, início do século XX.



Fonte: Acervo virtual pessoal de Moisés Braun, 2011.

Além da existência de Aulas Particulares e das Aulas Comunitárias, católicas e evangélicas, houve Aula Pública em Lomba Grande nas primeiras décadas do século XX. A professora Gersy iniciou sua entrevista mostrando a fotografia 3 e, lembrando-se de outra prática comum em algumas regiões rurais, que é o “docente itinerante”. No caso, lembrou-se da itinerante ação docente do seu pai, professor José Afonso Höher, que “costumava trazer histórias” de cada localidade que percorria.

Fotografia 3 – Aula Pública Mista Federal, 1920- Lomba Grande

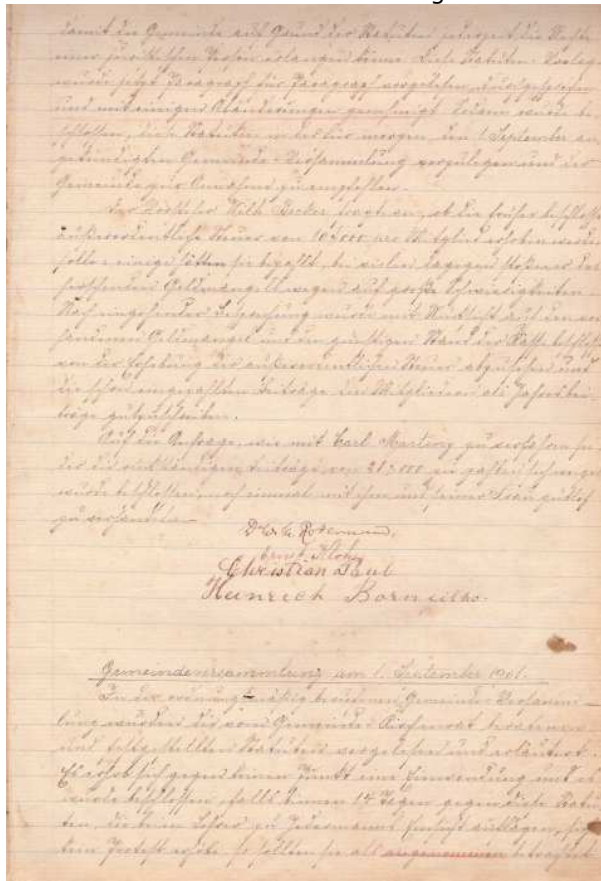


Fonte: Acervo pessoal da professora Maria Gersy Höher Thiesen, 2010.

Esta Aula Pública Federal, sob a regência do professor Höher, ficava nos limites entre Lomba Grande e Taquara. Investigando os arquivos passivos da Escola Municipal de Ensino Fundamental José de Anchieta, na localidade atual de São João do Deserto, encontra-se o livro de chamadas com assinatura do professor José Afonso Höher entre os anos de 1917 a 1921.

Recentemente localizaram-se na casa de uma paroquiana da comunidade evangélica de Lomba Grande livros e documentos referentes à antiga Casa Pastoral, espaço em que funcionaram as Aulas da Comunidade Evangélica, bem como as Aulas Públicas e Comunitárias. O documento mais antigo referente à escolarização é um livro de atas, como se observa na figura 3, inicia-se em 1901 e com os últimos registros em 1940. O Pastor Jacob Sauer é o responsável pelo registro inicial desse documento, que se encontra escrito em alemão gótico. Além disso, há registros da movimentação financeira da Igreja Evangélica, também contextualiza acontecimentos importantes referentes às quatro primeiras décadas do século XX.

Figura 3- Página 3 do Livro de Atas da Comunidade Evangélica de Lomba Grande, 01/09/1901



Fonte: Arquivo da Comunidade Evangélica de Lomba Grande. Localizado na residência de paroquiana Edelsi Quadros, 2012.

Além das Atas e livros escolares que compreendem elementos da cultura material escolar da primeira metade do século XX, o registro mais antigo sobre as Aulas na Casa Pastoral foi de 1913. É um livro formado de 29 folhas numeradas e pautadas duplas unidas com uma costura artesanal, que ainda era utilizado em alguns impressos de livros de literatura, as folhas estão rubricadas pelo “membro escolar”, o senhor João Schmitz, na contracapa registra-se:

“Este livro servirá para si elle lançarem-se o livro de chamada dos alumnos da Aula Municipal Mixta da Lomba Grande, 6º Distrito de São Leopoldo, contem 29 folhas numeradas e por mim rubricadas com a rubrica Schmitz de que uso e levo em fim o competente termo de encerram este. Lomba Grande, 1º de agosto de 1913. O membro escolar João Schmitz” (DOCUMENTO 1, 2012)¹².

O livro é aberto no primeiro dia do mês de julho de 1913 e observa-se que em 14 de julho foi feriado.

Dentre os alunos, na relação constam os nomes de: Oscar Beck, Hilda Scherer, Ilse Nabinger e Helma Muller. Na década de trinta do século XX, observam-se nos livros de chamadas da comunidade evangélica posteriores que Ilse e Helma serão professoras juntamente com o professor Jacob Sauer. O registro de 1913 totaliza 56 alunos entre meninos e meninas. Em 1914, observa-se que as Aulas iniciaram em 19 de janeiro de 1914 e encerraram em 19 de dezembro de 1914 e a relação dos alunos está distribuída: meninas em uma folha e meninos todos em outra folha, sendo 31 meninos e 27 meninas. O livro encerra-se em julho de 1915.

No período de 1915 a 1927 não se localizou documento sobre as Aulas, no entanto, encontra-se um livro de chamadas de cor marrom com inscrição da empresa Rotermond & Co. – São Leopoldo onde consta, “lista da Aula da evangélica allem [...] comunidade da Lomba Lomba Gran[...]” . Na primeira folha, abre-se o livro e observa-se a inscrição “Aula particular da Comunidade da Evangélica localizada na Lomba Grande, VI districto de São Leopoldo. Professor (escrito a lápis: Jacob Sauer)” (DOCUMENTO 2, 2012). A assinatura dos professores apresenta uma grande rotatividade o que nos leva a refletir sobre algumas questões como a falta de professores e/ou a instabilidade em relação à existência da escola na comunidade evangélica. De janeiro a abril de 1927 a assinatura é do Pastor Kaiser; Maio do Pastor Sauer; de junho a agosto Heitor Pfeifer; setembro a novembro H. Imke; dezembro Ilse Nabinger; o registro está em alemão gótico. No período de 1928 até 1934, o docente é o Pastor Jacob Sauer; em abril de 1934 a professora Iva Muller passa a reger a classe das meninas.

Ainda sobre os livros de chamada e sobre as Aulas que existiram na Casa Pastoral, a partir de 1935 há evidência de que o prédio servia a aulas subvencionadas municipais e aulas particulares da comunidade evangélica. Outro documento localizado tem capa preta da “Rotermond & Co – São Leopoldo” é um livro de chamada, cuja primeira folha está em branco, os registros iniciam na segunda folha e estão assinados pelo Pastor Sauer, a professora é Iva Muller, e consta como “Aula da Comunidade Evangélica de 1935” (DOCUMENTO 3, 2012). Esse documento registra a passagem de diferentes professores entre os anos de 1936 a julho de 1939. Esse período caracteriza-se pela intervenção do governo do Estado do Rio Grande do Sul, período do Estado Novo, cujas Aulas Avulsas foram reunidas pelo professor José Afonso Höher. Formando as “Aulas Reunidas Nº 5” em 1939 que originaram o Grupo Escolar de Lomba Grande, atual Instituto Estadual Madre Benícia.

A localização do Livro de Matrícula da Aula Mista Evangélica de Lomba Grande, (que se transformou em subvencionada municipal¹⁴) possibilita compreender que, após a perseguição política sofrida pelo professor Höher em setembro de 1937, foi contratado pelo governo municipal como professor atuando de outubro a dezembro de 1937 onde ocupou uma das salas da Casa Pastoral.

Observa-se que, de 1938 até julho de 1939 o registro das aulas são feitos nas Aulas Evangélicas, em seguida José Afonso Höher é convocado pelo governo estadual para unir as Aulas da comunidade Católica; Evangélica; Particular e Pública Federal.

A professora Gersy, destacou que, no final da década de 1930¹⁵ ao ser chamado pela Delegada de Ensino para unir as Aulas e fundar as Aulas Reunidas Nº 5, seu pai foi também o Regente destas Aulas. Nessa época Gersy iniciou sua vida escolar, como se observa na fotografia 4.

Na década de 1940, essas Aulas Reunidas originaram o primeiro Grupo Escolar de Lomba Grande, esse representa a primeira iniciativa de ensino público sob responsabilidade municipal, a partir da ação conjunta com o Estado nas Aulas Reunidas Estaduais e Municipais de Lomba Grande.

Fotografia 4- Aula Pública Federal de Lomba Grande, 1931



Fonte: Acervo pessoal da professora Maria Gersy Höher Thiesen, 2010.

Observa-se a professora Gersy em destaque na fotografia 4 juntamente com o professor Höher, seu pai. Além das Aulas públicas, havia as Aulas da Comunidade Católica, como se observa na fotografia 5, que aconteciam no salão da Igreja São José, na região central de Lomba Grande.

Figura 5 – Aulas da comunidade católica, início do século XX.



Fonte: Acervo virtual de Moisés Braun, 2011.

Em Lomba Grande, observa-se que a Reunião das Aulas pelo professor Höher, bem como a criação do Grupo Escolar¹⁶, se associou à preocupação do Estado em construir uma idéia de Nação e isso implicava conter a disseminação da língua germânica. Contudo, chama atenção o fato de ter sido o professor Höher, o primeiro regente "diretor" do Grupo Escolar de Lomba Grande, dada sua descendência germânica contradizendo assim o movimento proposto pelo Estado Novo contra as ditas "escolas estrangeiras" (ARENDR, 2008).

No Grupo Escolar de Lomba Grande, Gersy aprendeu as primeiras letras, e nesse lugar também, se percebeu professora pela primeira vez. Ela recorda que havia muita disciplina e respeito ao professor. Era necessário levantar a mão e aguardar sua vez para falar, conta que havia muitos alunos, uns auxiliavam os outros e todos demonstravam muito interesse pela aprendizagem.

A professora Maria Gersy desenvolveu sua trajetória em diferentes localidades entre essas cita: região central do bairro, nas Aulas Reunidas do Grupo Escolar de Lomba Grande e no Jardim da Infância Getúlio Vargas; São Jacó, na Escola Municipal Humberto de Campos; Santa Maria, na Escola Municipal Expedicionário João Moreira e no Passo dos Corvos, na Escola Municipal Castro Alves.

Quanto à forma de ingresso no magistério, recorda: "fiz um examezinho de suficiência e já comecei como professora municipal". Em 1940 ela iniciou como auxiliar do 1º e do 2º ano, nas Aulas Reunidas Municipais e Estaduais de Lomba Grande. Ela recorda que em 1942 foi efetivada¹⁷ como professora do primeiro Jardim da Infância desse bairro.

Uma prática marcante, evidenciada pelas memórias dos professores, foi a aula de Educação Religiosa. No Grupo Escolar de Lomba Grande, os católicos tinham aula com o padre e os evangélicos com o pastor da comunidade protestante, era comum também a realização de missas e/ou aulas de catequese que aconteciam, geralmente no interior, nas localidades quando recebiam periodicamente a visita do padre.

Na localidade de Santa Maria, a professora Gersy recorda que essa prática também aconteceu na Escola Expedicionário João Moreira, conforme fotografia 6. Conta que junto com sua comadre Ilse Becker, compravam cucas e ofereciam aos alunos e a comunidade que acompanhavam a missa no período em que a Igreja de madeira foi destruída para construção de uma nova, de alvenaria. Nessa época, 1950, o espaço da sala de aula servia, também, de altar para pregações do padre da comunidade.

Fotografia 6 - Alunos da Escola Municipal Expedicionário João Moreira e a prof^a. Gersy, 1950



Fonte: Acervo pessoal da professora Maria Gersy Höher Thiesen, 2010.

De modo geral, a experiência da catequese foi uma forma de experimentação docente, bem como, figurou o contexto das práticas em classes multisseriadas nas diferentes localidades de Lomba Grande. Sobre esse aspecto a professora Gersy resume “lá a Gersy também era professora, [...] pau pra toda obra, inclusive [...] vacinar eu fiz [...]. Era de catequese, era de tudo, de alfabetizar [...]”. A catequese incorporava-se às atribuições docentes, até porque, a lógica operante na sociedade, caracterizava-se pela exaltação à figura do professor, em favor da vocação, da incondicional responsabilidade, que chamava pra si, em dedicar-se de corpo e alma à missão de preparar homens para Deus e cidadãos para a Pátria (FISCHER, 2005).

Quanto à apropriação do modo de preparação das aulas evidencia a influência de lembranças do seu tempo de aluno. Portanto, as memórias da

forma como o livro didático era utilizado em sala de aula, remetia lembrança dos questionários de pergunta e resposta propostos pelo “catecismo religioso”. Observa-se, também na forma de elaboração de perguntas e respostas a influência de uma metodologia e mentalidade de uma época, que durante muitos anos, permaneceu na escola multisseriada, como forma adequada para ensinar e desenvolver o conhecimento. Essas formas para saber, utilizadas pelos professores na “invenção” de uma maneira para alfabetizar, que não estavam nos livros, também não estavam nas orientações de ensino, esse jeito se revelou apenas no exercício do fazer, aqui rememorado. Contudo, a troca de experiências, a conversa informal, que acontecia entre esses professores, nas visitas informais de final de semana, ou no encontro de “comadres” constituiu-se em patrimônio diversificado de conhecimentos que se compartilhou.

No contexto das práticas pedagógicas nas aulas isoladas, a professora Gersy lembrou o aspecto cívico, uma situação que lhe deixou muito orgulhosa:

“Eu tinha o meu Jardim da Infância, e eles cantavam o Hino Nacional todinho de fio a pavio. Quando o Grupo fazia uma festa o Jardim fazia parte. [...], depois a mamãe me contou: - Gersy, tu nem sabe como eu fiquei faceira, como eu fiquei orgulhosa. Porque eu, cantando o Hino Nacional quando foi passado da primeira pra segunda estrofe, com as minhas crianças, o grupo embatucou e quase pararam o Hino Nacional junto com o professor de música. E o meu jardim, cantando o Hino Nacional. Isso, até hoje, eu sinto uma alegria quando eu me lembro da minha mãe me contando, da satisfação dela, e o povo notou!”.

Gersy destacou que seus alunos do Jardim da Infância, saíam-se muito bem nas aulas de Canto Orfeônico. Ela se emociona ao contar essa prática, registra que a comunidade presente, na festa cívica alusiva aos festejos da pátria percebeu que os alunos do canto coral do Grupo Escolar de Lomba Grande, “embatucaram”, se perderam na letra do Hino Nacional e foram seus alunos que “seguraram” a canção. Esse sentimento pátrio ainda se expressa na sua carta de despedida, escrita em 1969, quando se aposentou, como se observa abaixo.

“Estou aposentada [...] Interessante é que não me sinto muito satisfeita, pois já sinto agora saudades, - dos rostinhos mimosos dos alunos, dos colegas, que estimo tanto, - da tão devotada e meiga D^a. Amélia, a nossa querida servente; enfim de tudo isso que foi minha vida de professora. Nela houve lutas, - desenganos, mas muitas horas felizes. [...] Peço a Deus, que dê, a cada professora [...] tudo aquilo que sempre quis dar aos meus filhos de 4 horas diárias, pois por cada criança senti o afeto de mãe, procurei dar o que de melhor tinha a dar: amor. Sei que errei muitas vezes, mas sou humana e não divina [...] jamais fui professora de fim de mês, consegui fazer daquelas que me foram confiadas, criaturas úteis a Deus, à Pátria, à Sociedade, eduqueia-as, enfim, para serem felizes. [...] Adeus, Gersy” (Documento 4).

O registro dessa memória permite compreender que Gersy sempre se dedicou intensamente aos ofícios da profissão, principalmente, apropriando-se do seu dever com a nação.

Werle e Metzler (2009) argumentam que durante muitos anos o “entusiasmo cívico” esteve incorporado às atribuições daqueles que desejassem exercer o magistério. O sentido filosófico da profissão expresso nas memórias dos sujeitos entrevistados revela que a docência foi por eles interpretada, acima de tudo como vocação, como registrou a professora Gersy em sua despedida, ser professor significava “educar as crianças como filhos” da “Pátria amada Brasil”.

O relato da professora Gersy parece atender o discurso que permeava políticas educacionais da década de 1940, considerando as propostas de práticas pautadas, a partir das orientações e currículos definidos pela literatura, bem como, aquela sugerida pela Inspetoria de Ensino Municipal.

A proposta deste estudo não foi o de reconstruir a trajetória desta professora, pelo contrário, buscou-se compreender como as memórias dos primeiros tempos de professora, nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX, possibilitam perceber a instalação dos primórdios da Escola Isolada em Lomba Grande.

Dessa forma, ao narrar memórias sobre seu tempo de professora, o nome de outros professores surgiram, como o professor Sérgio que atuou como professor na Escola Municipal Tiradentes, na localidade do Morro dos Bois. Além da professora Lúcia que desenvolveu toda sua trajetória na localidade de Taimbé, na EMEF Bento Gonçalves.

Quanto a evidência das Aulas Isoladas nas diferentes localidade deste bairro, constata-se na localidade do Morro dos Boi, a remanescente classe multisseriada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes, fotografia 7. Esta escola foi fundada em 1º de setembro de 1933 nas terras de Carlos Scherer e registra a ligação desta família com a escola, de forma contínua, no período de (1933 a 2009).

Fotografia 7 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes, Morro dos Bois



Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

A escola funcionou até a década de 1970 em uma sala da residência da família, como se observa na fotografia 8, sendo "Aula Pública Mista Municipal do Morro dos Bois". Além do registro histórico das Aulas Isoladas, a tradição docente nessa família, história de quatro gerações¹⁸, produziu no curso do tempo uma relação de vínculo com a história da educação pública municipal.

Fotografia 8 – Escola Municipal Tiradentes, aproximadamente em 1950.



Fonte: Acervo pessoal do professor Sérgio José Scherer, 2010.

Além de servir de escola, a casa da família Scherer também repartia espaço com armazém. Nesta comunidade ainda é possível observar a "tríade" da colonização, como argumenta Kreutz (2001): Escola, Igreja e Cemitério que se encontram em espaços doados pela família Scherer, como se observa na fotografia 9.

Fotografia 9 – Vista aérea da localidade do Morro dos Bois



Fonte: Acervo institucional da EMEF Tiradentes, 2010.

A professora Lúcia também foi lembrada pela professora Gersy. O vínculo

docente de Lúcia é em outra localidade, no Taimbé. No lugar encontra-se a EMEF Bento Gonçalves, em destaque na fotografia 10. As Aulas dessa escola iniciaram de forma domiciliar em 5 de março de 1884, em residência particular. Na década de 1950, passou a funcionar na residência da professora Lúcia Plentz. Recebeu prédio próprio somente em 1976, na gestão do prefeito Miguel Schmitz, com doação de terras pela família Plentz.

Fotografia 10 – EMEF Bento Gonçalves, Taimbé



Fonte: Registrada pelo autor, 2010.

No contexto da Casa-escola, a Escola Municipal Bento Gonçalves funcionou até a década de 1950 no antigo Salão Allgayer, como se observa na fotografia 11, de propriedade do cunhado da professora Lúcia. Antes desse período ela recordou que chegou a dar aulas no prédio da Igreja da localidade de Taimbé.

Fotografia 11 – Salão Allgayer – sede da Escola Bento Gonçalves



Fonte: Registrada pelo autor, 2010

Na década de 1950, a professora Lúcia adquiriu uma área de terra, em frente ao salão Allgayer. Dessa forma, a escola se transferiu para uma sala da sua

residência, como se observa na fotografia 12, funcionando até 1976 quando um prédio semelhante ao da Escola Municipal Tiradentes foi inaugurado. A fotografia registra a professora Lúcia, seu irmão o professor Paulo e os alunos da Escola em 1974.

Fotografia12- Alunos e professores da Escola Bento Gonçalves, 1974.



Fonte: Acervo pessoal da professora Lúcia Plentz, 2010.

O percurso histórico e as transformações pelos quais passaram as Aulas Isoladas na primeira metade do século XX se relacionam profundamente com as políticas públicas locais constituídas em diferentes gestões, principalmente, a partir da década de 1940. Embora a emancipação política de Novo Hamburgo tenha acontecido em cinco de abril de 1927, e a Instrução Pública no município ter sido criada em 1945, apenas em 1952 as escolas municipais são regimentadas e posteriormente recebem o primeiro programa curricular.

Conforme Decreto número quatro de dezesseis de outubro de 1952, as escolas municipais eram mistas, dividindo-se em urbanas, suburbanas e rurais; todas, porém, deveriam obedecer a um mesmo programa de ensino. Este aspecto demonstra a preocupação que havia, já nesta época, em construir uma ideia articulada de rede, principalmente, de um currículo comum "padrão" para os alunos que concluíssem o 5º ano primário na rede municipal de ensino.

Além disso, as Aulas, Grupos ou escolas recebiam denominações patronímicas recaindo a escolha em nomes de grandes personalidades e/ou vultos de nossa Pátria e de homens que tivessem se destacado na municipalidade. Em Lomba Grande, este instrumento legal que pretendia normalizar as instituições escolares permanecerá até o final da década de 1970 nas diferentes localidades. Contudo, o decreto número quatro de 1952 inicia a demarcação deste processo, sendo fundamental para que o status público se consolide em uma instituição isenta das "marcas" da "casa-escola".

Considerações finais

A Educação oferecida nas escolas rurais, que antes do período do Estado Novo contava com relativa autonomia de administração e de proposta pedagógica, reproduzindo/construindo junto do educando conhecimentos, hábitos e potencialidades identificadas com as necessidades da vida neste lócus, se viu transformada por essas políticas de Estado. O que interessava não era o comunitarismo do homem do campo mas, sob os ditames da urbanidade, a especialização mecânico-instrumental, o conformismo e a competitividade.

A trajetória docente narrada por Gersy evidencia que houve um claro choque cultural a partir das políticas educacionais no Estado Novo e, principalmente, a partir de 1952. Um exemplo paradoxal está no fato de uma localidade de colonização alemã que, como tal, reafirmava seus costumes, entre outros meios pela Educação, foi deveras impactada quando se viu obrigada a “amar” uma pátria brasileira que incentivava poucos costumes que com ela comungava.

As memórias da professora Gersy, remontam à docência de seu pai e a sua própria, desde as das Aulas Públicas Federais até as Escolas Isoladas Municipais, percorrendo nos anos de prática no ensino público antes mesmo do espaço de Lomba Grande ser anexado ao território novohamburguense. O início da trajetória docente de Gersy, em 1940, marca um período em que Lomba Grande passou a ser Distrito de Novo Hamburgo. Observa-se, que sua história, no período de exercício docente, permeia a história da escola pública municipal nessa localidade. O conjunto de documentos indica que a História da escola pública municipal em Lomba Grande, sob administração de Novo Hamburgo, iniciou com as Aulas Públicas Reunidas Nº 5, na década de 1940 agregando instâncias Municipais e Estaduais, porém com aspectos das primitivas Aulas comunitárias.

Para concluir, cabe registrar que, a partir de memórias sobre o percurso docente de uma professora, torna-se possível mergulhar num período marcante do passado de nosso país. Essa pesquisa deu voz e visibilidades a um sujeito que talvez ficasse no anonimato para sempre. Tecendo memórias em uma perspectiva individual, tornando-a mais amplas, a pesquisa permite constatar, entre outras coisas, as relações de poder que tem perpassado a história em diferentes níveis a ao longo dos tempos.

Ao mesmo tempo é possível refletir a partir desta investigação se tantos outros discursos, evocando memórias em meio a tramas culturais, não aguardam virem à tona, enriquecendo a análise no campo da história da educação.

Referências Bibliográficas

- 280PX-RioGrandedoSul_Municip_NovoHamburgo.svg. 2011. Altura: 280 pixels. Largura: 270 pixels. 66 Kb. Formato PNG. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_NovoHamburgo.svg>. Acesso em: 11 set. 2011.
- ARENDE, Isabel. Educação, religião e identidade étnica: o Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos, 2008.
- BASTOS, Maria Helena Camara; LEMOS, Elizandra Ambrosio; BUSNELLO, Fernanda. A pedagogia da ilustração: uma face do impresso. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Culturas escolares, saberes, práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, pp. 41-78.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v. 3, p. 68-77.
- _____. (org.). História da Educação, arquitetura e espaço escolar. São Paulo: Cortez, 2005.
- BURKE, Peter. O que é história cultural? Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CALAZANS, Maria Julieta Costa; SILVA, Hélio Raymundo Santos. Estudo Retrospectivo da Educação Rural no Brasil. Para compreender a educação do Estado no meio rural - traços de uma trajetória. In: THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria Nobre (Coord.). Educação e Escola no campo. Campinas: Papirus, 1993. p. 15-43.
- CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude/ trad. RAMOS, Patrícia Chittoni, Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- DREHER, Martin Norberto. Breve história do ensino privado gaúcho. São Leopoldo: Oikos, 2008.
- FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. Professoras: histórias e discursos de um passado presente. Pelotas: Seiva, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas na história da educação brasileira: a contribuição dos imigrantes. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara, (orgs.) História e memórias da educação no Brasil, vol. 2: século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, pp. 150-165.
- _____. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. Revista brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 15, 2001, p. 159-177.
- NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. 10 ed. São Paulo: Educ, 1993.
- NOVO HAMBURGO. Lei Municipal nº 1.788, de 17 de março de 2008. Plano Municipal de Educação de Novo Hamburgo – RS. Novo Hamburgo, 2008.
- NOVO HAMBURGO. Decreto Nº 51, de 08 de maio de 1969. Aposenta Professora Municipal. Novo Hamburgo, 1969.
- _____. Decreto-Lei Nº 4, de 16 de outubro de 1952. Regimenta escolas municipais de Novo Hamburgo – RS. Novo Hamburgo, 1952.
- _____. Decreto-Lei Nº 16/42, de 19 de abril de 1942. Designa a professora Maria Gersy Höher para reger Jardim de Infância. Novo Hamburgo, 1942.
- OLIVEIRA, Leda Maria Leal de. Memórias e experiências: desafios da investigação histórica. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho D'água, p. 263- 281, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jathay. História & História Cultural. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. Cadernos de pesquisa, São Paulo, n. 114, p.179-195, nov. 2001.
- SAVIANI, Dermeval. Educação e colonização: as ideias pedagógicas no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara, (orgs.) História e memórias da educação no Brasil, vol. 1: século XVI-XVIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, pp. 121- 130.
- SCHEMES, Claudia. Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901-1935). 2006. 446 f. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.
- TEDESCO, João Carlos (org.). Usos de memórias: política, educação e identidade. Passo Fundo: UPF, 2002, s/d.

Thompson, Paul. A voz do passado: Historia Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THIESEN, Maria Gercy Höher. Entrevista oral sobre a trajetória docente em classes multisseriadas em Lomba Grande. Novo Hamburgo, 23 de abril de 2010 e 13 de maio de 2010. Entrevista concedida a José Edimar de Souza.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva; NETO, Vicente Molina; GIL, Juana Maira Sancho [et al.] A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas – 2ª ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, Sulina, 2004.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Constituição do Ministério da Educação e Articulação entre os níveis federal, estadual e municipal da educação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v. 3, p. 39-53.

_____. O nacional e o local: ingerência e permeabilidade na educação brasileira. Bragança Paulista: Ed. Universidade São Francisco, 2005.

_____; METZLER, Ana Maria Carvalho. En busca de Contenidos y Sentidos para La Educación Rural. In: GONZÁLEZ PÉREZ, Teresa; LÓPEZ, Oresta (Coord.). Educación rural en iberoamérica: experiencia histórica y construcción de sentido. [S.I.]: Anroart - Ediciones, 2009. p. 79-109.

Documentos

DOCUMENTO 1: Livro de Chama dos alunos da Aula Municipal Mista da Lomba Grande de 1913-1915. Localizada na residência de Edelsi Quadros em janeiro de 2012.

DOCUMENTO 2: Lista da Aula da evangélica alemã da comunidade da Lomba Grande. [documento danificado]. Localizada na residência de Edelsi Quadros em janeiro de 2012.

DOCUMENTO 3: Aula da Comunidade Evangélica 1935 a 1939. Localizada na residência de Edelsi Quadros em janeiro de 2012.

DOCUMENTO 4: Livro de Chamadas Nº 1. Grupo Escolar de Lomba Grande. Localizado no arquivo passivo do Instituto de Educação Madre Benícia, 2010.

DOCUMENTO 5: Minha Despedida. Maria Gersy H. Thiesen. Livro de Visita de Autoridades da EMEF Castro Alves. Localizado, em 2010, no arquivo passivo desta instituição. Abertura do livro em março de 1953 e último registro em maio de 2001.

Notas

1 Doutorando em Educação – UNISINOS, bolsista CAPES/Proex Professor da Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Novo Hamburgo e Fundação Liberato Salzano Vieira da Cunha

2 Doutora em Educação Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNISINOS

3 O contexto, aqui entendido no sentido que alerta Schemes (2006), sendo a análise do meio, fundamental para compreensão “dos contornos” como produção da cultura.

4 Este texto apresenta memórias da professora Maria Gersy Höher Thiesen cuja trajetória desenvolveu-se entre 1940-1969, em Lomba Grande, Novo Hamburgo. Esta professora é um dos sujeitos investigados para a Dissertação de Mestrado em Educação: Trajetórias de Professores de classes multisseriadas: memórias do ensino rural em Novo Hamburgo/RS (1940-2009), recentemente defendida na UNISINOS; sob a orientação da professora Dr^a. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin e co-orientação da prof^a. Dr^a. Beatriz T. D. Fischer.

5 A partir das memórias da professora Maria Gersy outras memórias são aqui analisadas referindo-se as Aulas Isoladas, como as do professor Sérgio José Scherer e da professora Lúcia Plentz; também sujeitos entrevistados na pesquisa de Mestrado em Educação.

6 É um município do Estado do Rio Grande do Sul. Localiza-se geograficamente no Vale dos Sinos distando aproximadamente 50 quilômetros da capital Porto Alegre.

7 Documento em alemão gótico, localizado no acervo virtual pessoal de Moisés Braun, em 2011. De acordo com a transcrição do professor Martin Dreher: “Aula Publica de Lomba Grande. 1º lugar. Fita de seda vermelha com borda de crochê, concedida e conferida à aluna Wilhelmine Burger como recompensa por seu extraordinário esforço e excelente comportamento, bem como, incentivo para que assim continue, na oportunidade do exame prestado no corrente ano, por seu professor Heinrich Meyer. Lomba Grande, aos 16 de dezembro de 1863”. Dreher complementa que o texto é de autoria do Prof. Heinrich Meyer (Brummer), mercenário contratado pelo Império na Guerra contra Rosas. Após a desmobilização ficou no Brasil e foi a exemplo de muitos outros, professor. Atuou na Aula Pública de

Lomba Grande e, por isso, deve ter sido nomeado pelo Governo Provincial.

8 José Afonso Höher era pai da professora Gersy.

9 Foram realizadas duas entrevistas, além de três encontros informais. Cada entrevista registra duas horas de gravação. Optou-se pela identificação do sujeito conforme termo de consentimento assinado.

10 Este aspecto é uma herança cultural das Aulas Régias, cujo material pedagógico e a instalação física da Aula era responsabilidade do professor que administrava e gestava sua aula. A subvenção pública do governo colonial e/ou imperial, em alguns casos, acontecia anualmente; dessa forma, a contribuição da comunidade acontecia frequentemente, com doações de leite, gêneros agrícolas, etc. Detalhes sobre as Aulas Régias conferir os estudos de Bencostta (2005).

11 Em 2011 a Casa Pastoral foi adquirida pela prefeitura municipal de Novo Hamburgo, funcionando no espaço o Projovem Urbano e o Canta Lomba, vinculado ao Atelier Livre Municipal. Há um projeto sendo desenvolvido para recuperação histórica e patrimonial desta Casa. Em 2007, provisoriamente, funcionou a Escola Municipal de Ensino Fundamental Bento Gonçalves, até que o prédio novo fosse concluído.

12 Tratando-se de uma investigação histórica, preservou-se a linguagem expressa no documento, o que observa-se também em outras passagens no decorrer desta escrita.

13 Em Março de 1936 passa a assumir as turmas a professora Edy Lúcia Höher. Em junho de 1936 assume Edithe Höher. A partir de agosto de 1936, assume "Libke" (grafia difícil de compreender). Em novembro de 1936 Egon Koch (Reverendo?). Dezembro de 1936 Egon Koch e Jacob Sauer. Em fevereiro de 1937 Jacob Sauer. Março e abril de 1937 Jacob Sauer e Helga Weidle. De maio de 1937 a fevereiro de 1938 José Afonso Höher e Jacob Sauer. De março de 1938 Alfrídia Enck e Jacob Sauer sendo encerrada em julho de 1939.

14 Uma possível explicação para este fato, talvez se relacione a contratação pelo governo municipal, de José Afonso como professor nas Aulas da Casa Pastoral.

15 Investigando o livro ponto dos professores em diferentes escolas rurais de Novo Hamburgo, há uma riqueza de detalhes assinalados nas observações, registrando a vida funcional e o cotidiano da prática dos profissionais da educação. Observa-se esta prática até a década de 1950. No livro do Grupo Escolar Madre Benícia, em 1937, ainda Aula Pública Mista Federal, no mês de setembro de 1937 o professor José Afonso Höher registra sobre os conflitos de poder do período do Estado Novo: "Por aviso de 27-9-37. Desde o dia 22 de setembro deixei de ser professor subvencionado pelo governo Federal em virtude da rescisão do contrato de que fui vítima pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, na pessoa do Sr. Governador Flores da Cunha que perseguiu todos os funcionários que não o apoiaram na sua nefasta posição" (Documento 4). Em recente investigação localizaram-se documentos de Matrícula da Aula Mista Evangélica de Lomba Grande, subvencionada municipal. Constatou-se que os meses finais de outubro a dezembro de 1937 o professor Höher, por ter sido perseguido pelo governo estadual, foi contratado pelo governo municipal. Observa-se que em 1938 o registro é feito até o primeiro semestre nas Aulas Evangélicas até o momento em que o professor é recontratado pelo Estado. Em 1939 ele passa a ser Regente e reúne as Aulas formando as Aulas Reunidas Nº 5.

16 A partir de 1892, com a aprovação de normas para o ensino brasileiro as escolas primárias são organizadas. A grande novidade, neste período, refere-se à implantação dos grupos escolares. Este modelo previa "[...] organização administrativa, reunindo várias classes regidas por diferentes professores sob uma direção comum, e dos aspectos pedagógicos [...]" (SAVIANI, 2009, p. 31). Um elemento importante desta nova política foi à construção de prédios públicos imponentes que abrigassem os grupos escolares, de certo modo rivalizando com a igreja, a câmara municipal e as mansões mais importantes das capitais e grandes cidades. Bencostta (2009) argumenta que para os contrários à ideia dos grupos escolares, as autoridades de ensino defendiam que esta escola deveria possuir uma sequência metódica e um sistema de ensino submetido a uma regulamentação científica. Enfatizava-se o aperfeiçoamento intelectual físico e moral dos alunos, com propósito de torná-los cidadãos úteis à República. A seriação e uniformização dos conteúdos sancionados por este tipo de escola não impediu crítica de parte dos professores dos grupos escolares, que foram refratários às mudanças que lhes eram impostas pelas autoridades de ensino, que na maioria dos casos, estavam longe do cotidiano escolar. Uma novidade para as escolas públicas, foi a figura do diretor, responsável pelas funções administrativas com vistas a ordenar o cotidiano dos professores, bem como, socializar

o que de mais atual e inovador discutia-se sobre educação.

17 Conforme Decreto nº 16/24 e), 1942, de ingresso no magistério municipal. E Decreto Nº 51/69 de aposentadoria. Gersy iniciou sua trajetória docente no Grupo Escolar de Lomba Grande (1940), em regime de contrato de trabalho, como auxiliar do 1º ano e em 1942, “[...] fui parar no Jardim da Infância Dr. Getúlio Vargas, era no mesmo edifício, só numa sala. Tinha quatro mesinhas larguinhas e em cada, seis cadeirinhas, ali eu era a grande senhora” (Gersy).

18 A primeira diretora/professora foi Maria Hilda Scherer, mãe do professor Sérgio, pai da professora Márcia e avó da professora Carina, funcionários públicos da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo.